



ESTADO NO CAPITALISMO DEPENDENTE: esboço de uma cartografia categorial desde a teoria marxista da dependência

Beatriz Augusto de Paiva¹

Dilceane Carraro²

Heloísa Teles³

Cristiane Luiza Sabino de Souza⁴

RESUMO: O presente estudo se refere a resultado parcial da pesquisa intitulada *A questão do Estado no capitalismo dependente: cartografia categorial desde a Teoria Marxista da Dependência* que se propõe analisar as contradições que perpassam a constituição do Estado no capitalismo dependente. Alicerçado na Teoria Marxista da Dependência o artigo apresenta a sistematização inicial da cartografia categorial dos principais autores latino-americanos que refletem sobre como se constitui a contradição entre a ideologia da modernização que orienta o Estado latino-americano, inserido no sistema mundial, e sua expressão fenomênica concreta - como coadjuvante no processo de aprofundamento da desigualdade social, produto da sobreposição entre subdesenvolvimento e dependência.

PALAVRAS-CHAVE: Estado; América Latina; Capitalismo Dependente.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada *A questão do Estado no capitalismo dependente: cartografia categorial desde a Teoria Marxista da Dependência* tem por objetivo analisar a questão do Estado no Capitalismo dependente, decifrando a contradição entre a ideologia da modernização do Estado latino-americano e sua expressão fenomênica concreta - como coadjuvante no processo de aprofundamento da desigualdade social, produto da sobreposição entre subdesenvolvimento e dependência.

A pesquisa em tela se insere no amplo programa de estudos que vem sendo desenvolvendo nos últimos anos, especialmente a partir de 2004, junto ao Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal de Santa Catarina (IELA/UFSC), integrados ao

¹ Doutora em Serviço Social. Docente e Coordenadora da Pós-graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Trabalho e Política Social na América Latina IELA/UFSC. E-mail: beapaiva@gmail.com

² Doutora em Serviço Social. Docente e Coordenadora do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Trabalho e Política Social na América Latina IELA/UFSC. E-mail: dilceanec@gmail.com

³ Doutora em Serviço Social. Docente do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Trabalho e Política Social na América Latina IELA/UFSC. E-mail: heloisa.teles@ufsc.br

⁴ Doutora em Serviço Social. Docente do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Trabalho e Política Social na América Latina IELA/UFSC. E-mail: crisabino1@gmail.com



Grupo de Estudos e Pesquisa do CNPq "Trabalho e Política Social na América Latina - Veias Abertas". Esse percurso acadêmico se detém, prioritariamente, a pesquisar as políticas sociais na realidade brasileira, desde uma perspectiva teórica que nos aproxime e nos faça inteligíveis como somos, ou seja, um país da América Latina.

Assim, considerando o horizonte da crítica latino-americana, parte-se da qualificação do objeto de pesquisa que resulta na necessidade de começar a análise sobre o Estado a partir do ponto de vista histórico, ou seja, entendemos ser imprescindível considerar os determinantes sociopolíticos e econômicos nos quais se assentam as relações sociais das nações periféricas a partir da dinâmica da acumulação capitalista em âmbito mundial, dado que esse movimento determina o caráter específico da produção no continente.

2. PRESSUPOSTOS DE ANÁLISE DO ESTADO LATINO-AMERICANO: aproximações conceituais

Ao considerarmos como categoria analítica o Estado latino-americano, estamos considerando que os aspectos que traduzem a realidade dos países latinoamericanos se assemelham quando consideramos a trajetória histórica desses países. Não refutamos, no entanto, as particularidades de cada país e sua construção própria de uma trajetória específica que diz respeito a sua conjuntura histórica e política e ao modo como se desenvolveram as relações sociais em cada realidade. O que tratamos, pois, é de levar em conta que há uma unidade que os envolve conforme explicita Feijó.

Cada país latino-americano é específico, e a história de cada um demonstramos as suas peculiaridades. Não obstante, isso não elimina a presença de traços comuns que afetam aspectos decisivos das suas estruturas sociais. São elas que nos permitem assinalar a presença de uma dinâmica histórica de caráter mais ou menos geral. (FEIJÓO, 1997, p. 15).

Conforme o autor há, portanto, aspectos decisivos de suas estruturas sociais que refletem características comuns a todos os países, o que permite afirmar que alguns determinantes históricos são reproduzidos de forma equivalente em todo o continente. Nesse sentido é que consideramos a dependência como um dos grandes pilares nos quais se assentam a economia latino-americana e, a partir dessa consideração, impõe-se a necessidade de localizar e analisar a dinâmica do Estado latino-americano de modo geral, isto é, atentando para os traços comuns, como colocado pelo autor.

Para o nosso propósito neste estudo, coube examinar a maneira como a América Latina ingressou no circuito de acumulação de capital em escala global, com o objetivo de desenvolver o pressuposto analítico de que o desenvolvimento do capitalismo periférico atua



internacionalmente dentro de uma lógica de acumulação global na qual o subdesenvolvimento de sua economia está diretamente ligado ao desenvolvimento das economias dos países centrais.

De acordo com os estudos de Fernandes (2008), os países considerados subdesenvolvidos não constituem uma réplica em miniatura do modelo original, isto é, dos países desenvolvidos; tampouco se trata de um estágio transitório que permitiria aos primeiros evoluírem, no escopo do modo de produção capitalista, para o mesmo destino dos segundos. Em reflexões realizadas posteriormente, Fernandes (1973) discorre sobre a origem e as implicações desse processo, refletindo que o domínio externo sob o qual as nações latino-americanas estão submetidas tem sua gênese na incorporação da América Latina no mercado capitalista mundial desde sua etapa embrionária, e sua perpetuação através de formas mais complexas de dominação após a independência.

Enquanto para Fernandes o processo de dominação externa inicia com a chegada dos europeus e a inserção da América Latina no comércio internacional configurando várias formas de dominação externa até a que se conforma hoje, para Marini o momento que configura a chamada dependência, ou seja, essa relação de subordinação entre nações formalmente independentes, é quando a América Latina passa a exercer uma papel específico no movimento internacional do capital e na acumulação em escala ampliada, e que resulta em consequências para a organização das sociedades Latino-Americanas.

É assim que Marini (2000) principia seu ensaio *Dialética da Dependência*, no qual apresenta os mecanismos que determinam a produção e a reprodução de capital em escala ampliada, partindo das relações estabelecidas entre países centrais e países periféricos, apontando ainda suas consequências sob a organização das sociedades dependentes. Segundo o autor, são estabelecidas relações comerciais que se baseiam em um sistema de trocas assimétricas e desfavoráveis, reatualizando permanentemente os termos do intercâmbio desigual.

Através desse mecanismo, os condicionantes da dependência empreendem uma maciça transferência de valor produzido na periferia, que é então apropriado no centro da acumulação mundial, de modo que tal dinâmica capitalista, nos termos de Marini (2000), é garantida através de uma superexploração da força de trabalho na periferia.

A superexploração da força de trabalho, mecanismo típico adotado nessas economias por meio da intensificação dos processos de extração da mais-valia nas suas formas absoluta e relativa combinadas, segundo análise de Marini (2000), caracteriza-se como um regime de regulação da força de trabalho em que a acumulação de capital repousa sobre a maior exploração do trabalhador e não sobre o aumento da sua capacidade produtiva.

Dessa forma, a América Latina desempenha uma funcionalidade dual: transformando as relações sociais no interior dos países centrais, haja vista que os produtos alimentícios



fornecidos pelos países periféricos permitem manter determinado nível de salários aos trabalhadores daqueles países; compensando as perdas, próprias do intercâmbio desigual na relação com as economias centrais, a partir da superexploração da força de trabalho.

Assim, de acordo com Marini (2000), o que aparentemente configura um dispositivo estrutural de compensação em nível de mercado, caracteriza-se como um instrumento que opera internamente no âmbito das relações sociais de produção gerando, nos países dependentes, efeitos severos sobre o trabalho, por meio de três mecanismos, quais sejam, “a intensificação do trabalho, a prolongação da jornada de trabalho e a expropriação de parte do trabalho necessário ao operário para repor sua força de trabalho” (MARINI, 2000, p. 125). Nesse sentido, o Estado se expressa além de Estado burguês, como um Estado burguês dependente, ou seja, vinculado estritamente aos interesses do capital em escala global, e protagonista dos ajustes e organizações necessárias à permanência da dominação externa.

Em continuidade as produções de Fernandes (1973) e Marini (2000) outros autores, filiados a Teoria Marxista da Dependência, deram continuidade a reflexão sobre os mecanismos que engendram a materialidade do Estado latino-americano num contexto de capitalismo dependente. O próximo item apresenta os resultados parciais da pesquisa em curso através da elaboração de um quadro categorial com a identificação dos autores relevantes para o estudo.

II) RESULTADOS PARCIAIS – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pressupostos teóricos elencados acima referem-se a revisão teórica que compõe o desenvolvimento da pesquisa em questão. Faz-se imprescindível o fortalecimento dos estudos sobre a América Latina numa perspectiva crítica, com potencial para alavancar novas reflexões e tomadas de decisão dos movimentos antissistêmicos e para a luta popular em geral.

Ao eleger a história como fio condutor da análise, cabe municiarmos da crítica da economia política elaborada por Marx e a autores que integram essa tradição para buscarmos a gênese de cada processo social, bem como a processualidade histórico-concreta, referenciando-nos à realidade brasileira e latino-americana em sua simbiose essencial. Essa mirada essencial está referenciada nos pressupostos da Teoria Marxista da Dependência.

Boa parte dos autores aqui elencados, não formularam diretamente subsídios sobre a questão do Estado, ou teorizaram diretamente aportes para análise categorial do mesmo. Não almejamos um estudo sociológico ou de teoria política. Nossa proposta - e aqui acreditamos alcançar uma importante originalidade e relevância - almeja exatamente reconhecer, estudar e reelaborar novos conteúdos e análises sobre o estado no capitalismo



dependente, desde um diálogo com a crítica da economia política, seja ela de matriz marxista clássica, seja dos autores hereges latino-americanos.

Na busca por alcançar um dos objetivos da pesquisa de mapear autores que subsidiam os debates sobre o Estado na América Latina, desde a tradição marxista e pensamento social crítico latino-americano, com enfoque especial para os aportes da Teoria Marxista da Dependência apresenta-se a seguir o quadro a seguir. Este servirá de referência para a elaboração de uma cartografia categorial acerca das formulações sobre o Estado na América Latina, que se encontra em fase de desenvolvimento.

Autor	Resumo da bibliografia
Karl Marx	Economista, filósofo e socialista alemão, Karl Marx nasceu em Trier em 5 de maio de 1818 e morreu em Londres a 14 de março de 1883. Estudou na universidade de Berlim, principalmente a filosofia hegeliana, e formou-se em Jena, em 1841, com a tese sobre as diferenças da filosofia da natureza de Demócrito e de Epicuro. Em 1867 publicou Marx o primeiro volume de sua obra mais importante: O Capital. É um livro principalmente econômico, tratando da teoria do valor, da mais-valia, da acumulação do capital etc. Marx reuniu documentação imensa para continuar esse volume, mas não chegou a publicá-lo. Os volumes II e III de O Capital foram editados por Engels, em 1885 e em 1894. Outros textos foram publicados por Karl Kautsky como volume IV (1904-10).
Rosa Luxemburgo	Polonesa, nascida em 5 de março de 1871, envolveu-se desde muito jovem em atividades estudantis, lutando contra o sistema repressivo então vigente nos colégios da Polônia. Militante ativa do movimento socialista, teve que deixar seu país em 1889 para não ser presa; em Zurique fez seus estudos sobre economia, concluindo essa fase de aprendizado com uma tese de doutorado sobre "O Desenvolvimento Industrial na Polônia". A partir de 1898, com sua transferência para a Alemanha torna-se personagem destacada entre os socialistas europeus. Nesse período participa de uma das principais polêmicas do movimento operário internacional, na medida que se contrapõe aos artigos de Eduard Bernstein, produzindo um competente e atual material contra o revisionismo e o reformismo, transcrito na obra "Reforma ou Revolução". Rosa afirma que de fato o movimento dos trabalhadores deveria lutar por reformas, mas que isso não bastaria para abolir as relações capitalistas de produção - o movimento operário jamais poderia perder de vista a conquista do poder pela revolução.
Vladimir Lênin	Foi um revolucionário e chefe de Estado russo, responsável em grande parte pela execução da Revolução Russa de 1917, líder do Partido Comunista, e primeiro presidente do Conselho dos Comissários do Povo da União Soviética. Influenciou teoricamente os partidos comunistas de todo o mundo e suas contribuições resultaram na criação de uma corrente teórica denominada leninismo. Diversos pensadores e estudiosos escreveram sobre a sua importância para a história recente e o desenvolvimento da Rússia, sendo considerado um dos teóricos mais influentes do



	<p>século XX. No decorrer dos estudos que o jovem Lênin teve contato com as ideologias que realmente marcariam suas ações futuras. E, principalmente, tornou-se um marxista. Após se formar, Lênin dedicou-se ao estudo dos problemas econômicos da Rússia, tendo como base orientadora os escritos de Marx e Engels.</p>
Antônio Gramsci	<p>Filósofo marxista, jornalista, crítico literário e político italiano. Escreveu sobre teoria política, sociologia, antropologia e linguística. Foi membro-fundador e secretário-geral do Partido Comunista da Itália, e deputado distrital, sendo preso pelo regime fascista de Benito Mussolini. Gramsci é reconhecido, principalmente, pela sua teoria da hegemonia cultural que descreve como o Estado deve usar, nas sociedades ocidentais, as instituições culturais para conservar o poder. A influência de Gramsci encontrasse associada principalmente aos mais de trinta cadernos de análise que escreveu durante o período em que esteve na prisão. Esses trabalhos contêm seu pensamento sobre hegemonia cultural e ampliação da concepção marxista de Estado, dentro outros temas.</p>
Ernest Mandel	<p>Nasceu em Frankfurt – Alemanha em 05 de abril de 1923. Foi um economista e político com significativa contribuição teórica ao Marxismo, especializando-se no estudo das crises cíclicas. Em função da sua atividade na resistência anti-nazista, foi preso, em 1944, e enviado para um campo de concentração alemão. Autor de vários ensaios políticos e livros de economia marxista. Mandel foi uma personalidade forte: jornalista e polemista de talento, economista de renome internacional, teórico marxista inovador, mas sobretudo um militante infatigável pela causa dos trabalhadores.</p>
Ruy Mauro Marini	<p>Fez parte de um grupo de talentosos intelectuais da década de 1960 que se propuseram a contrapor o pensamento dominante do marxismo eurocêntrico da época e buscar novas interpretações para as causas do subdesenvolvimento e da exploração capitalista na América Latina. Além das reflexões teóricas e das inquietudes intelectuais para explicar as perversidades do capitalismo latino-americano, ao mesmo tempo em que se dedicaram com afinco a estudar para, a partir da ciência, gerar uma militância política, orgânica, ativa, participativa nas lutas políticas e sociais do país, também fizeram parte de um grupo político de esquerda revolucionária conhecido como POLOP (Política Operária). É nesse contexto que Ruy Mauro Marini se forma como intelectual e como militante político. É dessa atmosfera de reflexão e intervenção como elementos indissociáveis do fazer militante que nasce o que ficou mundialmente conhecido como a Escola da Dependência. Marini se destaca no grupo, pelo rigor metodológico e pela preocupação de entender os mecanismos internos e externos próprios de uma relação de dependência permanente sob a égide do capitalismo, cada vez mais sem fronteiras, com suas ideias e conceitos – materialismo histórico e dialético, o método da economia política</p>
Andre Gunder Frank	<p>Um dos principais cientistas sociais radicais do fim do século XX e durante longo tempo amigo e colaborador da Monthly Review e da Monthly Review Press. Morreu em 23 de abril de 2005, aos 76 anos. No Brasil e no México, desenvolveu seu trabalho mais importante, publicando o ensaio "O desenvolvimento do subdesenvolvimento" no número de setembro de 1966 da Monthly</p>



	<p>Review, bem como o seu livro muitíssimo influente <i>Capitalismo e subdesenvolvimento na América Latina</i>, publicado pela Monthly Review Press em 1967. Nestas obras, estreitamente relacionadas com <i>A economia política do crescimento</i>, de Paul Baran (1957), mas enraizadas num estudo minucioso das condições latino-americanas, argumentou que a abordagem reformista de quase todas as teorias do desenvolvimento estava errada. "O Subdesenvolvimento", escreveu ele no seu artigo clássico de 1966, "não é devido à sobrevivência de instituições arcaicas e à existência de escassez de capital em regiões que permaneceram isoladas do fluxo da história mundial. Ao contrário, o subdesenvolvimento era e ainda é gerado pelos mesmos processos históricos que também geraram desenvolvimento económico: o próprio desenvolvimento do capitalismo". Nesta visão, o que estava a ser reproduzido juntamente com o desenvolvimento dos estados no centro da economia capitalista mundial era o subdesenvolvimento e sob circunstâncias normais a subordinação permanente daqueles estados na periferia.</p>
Darcy Ribeiro	<p>Nasceu em Minas Gerais em 1922. Formou-se em Antropologia em São Paulo (1946) e dedicou seus primeiros anos de vida profissional ao estudo dos índios do Pantanal, do Brasil Central e da Amazônia (1946/1956). Neste período fundou o Museu do Índio e estabeleceu os princípios ecológicos da criação do Parque Indígena do Xingu. Escreveu uma vasta obra etnográfica e de defesa da causa indígena. Elaborou para a UNESCO um estudo do impacto da civilização sobre os grupos indígenas brasileiros no século XX e colaborou com a Organização Internacional do Trabalho (1954) na preparação de um manual sobre os povos aborígenes de todo o mundo. Antropólogo, ensaísta, romancista e educador, fundou a Universidade de Brasília, foi Ministro da Educação de João Goulart e, como senador, elaborou a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação. Em seus estudos denominados "Antropologia da Civilização" procurou repensar os caminhos pelos quais os povos americanos chegaram a ser o que são agora e discernir as perspectivas de desenvolvimento que se lhes abrem.</p>
Jose Carlos Mariátegui	<p>Foi um dos primeiros grandes marxistas Latino-americanos. Nascido no Peru em 1894, foi autodidata, militante e polemista, suas interpretações marxistas ao mesmo tempo rigorosas e originais, abordaram um vasto leque de questões peruanas, regionais e internacionais. Participou ativamente dos grandes debates da época, fundando o Partido Socialista peruano e a revista <i>Amauta</i>, que se tornou uma referência político-cultural peruana. Entre suas obras mais importantes estão "Em defesa do Marxismo" e "Sete Ensaios de Interpretação da realidade peruana".</p>
Eric Williams	<p>Foi Primeiro Ministro de Trinidad Tobago e durante muitos anos professor de Ciência Política e Social da Universidade de Howard de Washington, tendo também servido na comissão das Antilhas. Autor de inúmeras obras sobre as Antilhas e História Britânica, dentre as quais destacamos "Capitalismo e Escravidão", onde Eric faz completo levantamento socioeconômico da época (1783-1833) em que o capitalismo britânico se consolidou a expensas do tráfico de escravos africanos.</p>



Sergio Bagu	<p>O historiador e economista argentino Sergio Bagú (também autor de trabalhos sobre o materialismo histórico) é um dos representantes mais significativos das ciências sociais marxistas da América Latina. Suas obras de história econômica mostram que, mesmo durante o período de hegemonia do mais tosco dogmatismo, foram elaborados trabalhos marxistas fundamentais. “Economía de la sociedad Colonial” é um livro pioneiro, certamente um dos primeiros que refuta, de forma sistemática, ampla e explícita, o esquema tradicional do “feudalismo latino-americano”, ressaltando a dimensão capitalista da colonização ibérica do continente. Antecipando-se em muitos anos aos estudos de tipo regional e global, a obra de Bagú caracteriza-se pela constante tentativa de compreender e vincular os processos históricos latino americanos, com o contexto internacional.</p>
Florestan Fernandes	<p>A sociologia de Florestan inaugura uma nova época na história da Sociologia brasileira. Não só descortina novos horizontes para a reflexão teórica e a interpretação da realidade social, como permite reler criticamente muito do que tem sido a Sociologia brasileira passada e recente. Permite reler criticamente algumas teses de Silvio Romero, Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freire entre alguns outros. Simultaneamente, retoma e desenvolve teses esboçadas por Euclides da Cunha, Manoel Bonfim, Caio Prado Júnior, entre outros. A partir desse diálogo com uns e outros, a Sociologia de Florestan Fernandes inaugura uma nova interpretação do Brasil, um novo estilo de pensar o passado e o presente.</p>
Orlando Fals Borda	<p>Investigador e sociólogo colombiano. No decorrer de sua vida se envolveu com iniciativas políticas de esquerda desde o grupo “Frente Unido” junto com o sacerdote revolucionário Camilo Torres Restrepo. Organizador de processos políticos como “Colombia Unida” no final dos anos 1980 e também participante da “Aliança Democrática M 19”, tendo sido eleito para a Assembleia Constituinte em 1991. Nos últimos anos de sua vida foi dirigente da “Frente Social e Política”, movimento de organicidade e articulação de diversas forças de esquerda colombiana, que confluiu em novembro de 2006 na conformação do “Polo democrático alternativo”, do qual foi presidente honorário até sua morte. Foi fundador da revista Alternativa nos anos 1970 e 1980, a qual refundou em 1990. Nos últimos anos impulsionou a conformação do Centro Estratégico de Pensamento Alternativo e coordenou a revista CEPA.</p>
Rene Zavaleta Mercado	<p>Político, sociólogo e filósofo marxista boliviano. Zavaleta foi bastante influente na Bolívia durante a segunda metade do século XX. Seu pensamento costuma ser dividido em 3 períodos: ao primeiro, nacionalista, seguiu-se ao marxismo ortodoxo e, finalmente, um marxismo não-ortodoxo que se mostrou a mais influente fase dentro de uma perspectiva exclusivamente boliviana. Os conceitos derivados de suas ideias são fundamentais para o desenvolvimento posterior das ciências sociais da Bolívia. Dentre seus conceitos está o de “abigarrada de sociedad” (que pode ser traduzido, grosso modo, por “sociedade variada”) e que representa uma sociedade justaposta por relações assimétricas entre os diferenciados poderes culturais e seus respectivos modos de produção. Também significativos os conceitos impressos por</p>



	<p>Zavaleta a conceitos como "mases" (massa) e "multidude" (multidão). Seu trabalho é considerado essencial para a compreensão da realidade cultural, política e social da Bolívia de modo particular e também de todo continente de modo geral.</p>
<p>Alberto Guerreiro Ramos</p>	<p>Sociólogo, ocupou posição de líder no panorama cultural e político do país. Dedicou-se ao trabalho de equacionamento sociológico dos problemas brasileiros, na perspectiva do desenvolvimento independente. Escreveu muitos livros importantes como Cartilha Brasileira do Aprendiz de Sociólogo, A redução sociológica, A crise do Poder no Brasil e Mito e Verdade da Revolução brasileira, dentre outros. Em 1960 visitou a China continental, a Iugoslávia e a União Soviética, a convite de instituições científicas e governos desses países. Em 1961 fez parte da delegação brasileira à Assembleia Geral da ONU, ocasião em que apresentou projeto sobre patentes de maior relevância para os países subdesenvolvidos, estabelecendo o que passou a chamar-se internacionalmente de "doutrina Guerreiro Ramos". Foi também chefe do departamento de ciências fundamentais da Escola Brasileira de Administração Pública (FGV)</p>
<p>Ludovico Silva</p>	<p>Nasceu Luis José Silva Michelena em 1937, mas foi batizado por estudantes como Ludovico Silva, nome que adotou e pelo qual é mundialmente conhecido. Era filósofo e grande apreciador de poesia, professor na Faculdade de Filosofia na Universidade Central de Venezuela (UCV) e importante animador cultural em seu país. Autor de vasta obra sobre literatura, filosofia e política, crítico mordaz da indústria cultural, é um dos expoentes mais criativos do marxismo latino-americano que o Brasil começa a descobrir. Conhecedor profundo da obra de Marx, especialmente dos Grundrisse, Ludovico enfrentou com grande rigor e espírito crítico as modas acadêmicas que com frequência se abatem sobre nosso continente, razão pela qual logrou eficaz elaboração de nossos problemas desde uma perspectiva própria. O grande projeto que animou sua vida intelectual foi a reconstrução de maneira mais completa possível da teoria da alienação de Marx, esforço que rendeu três valiosos volumes sobre o tema – Marx y la alienación, La alienación como sistema e La alienación en el joven Marx</p>
<p>Agustin Cueva</p>	<p>Sociólogo e crítico literário equatoriano. Entrou na Teoria da Dependência e esteve no centro de numerosas polêmicas políticas tanto em seu país como na América Latina em geral. Obteve o Prêmio Ensaio Editorial Siglo XXI por sua obra El desarrollo del capitalismo en América Latina. Além de escrever numerosos ensaios sobre a problemática social, política e cultural do continente, Cueva foi catedrático da Universidade Central do Equador, Presidente da Associação Latinoamericana de Sociologia e Chefe da Divisão de Estudos Superiores da Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da UNAM. Morreu de câncer no Equador no dia 1 de maio de 1992.</p>
<p>Clovis Steiger de Assis Moura</p>	<p>Nascido em Amarante, no Piauí, em 1925. Foi um dos primeiros pensadores a confrontar a historiografia oficial sobre o escravismo no Brasil. Militou no Partido Comunista do Brasil até 1962 quando rompeu com o partido. A partir de seus estudos evidenciou a complexidade que engendrou a constituição e a consolidação do modo de produção escravista, desmistificando a concepção de passividade relegada pelo pensamento hegemônico, aos</p>



	<p>escravos. Para Moura, as rebeliões e conflitos não eram apenas movimentos aculturativos, mas sim a práxis negra na luta pela sua liberdade, considerada como um processo contínuo de negação e confronto com o modo de produção escravista. Moura compreende o escravo como sujeito de sua própria história e não como uma mera mercadoria. Tomava como objeto as contradições entre os sujeitos e os escravos e os impactos produzidos na estruturação da sociedade escravista, na transformação sofrida por ela, bem como a dialética contraditória que faz surgir, a partir do escravismo, o capitalismo dependente. Para o autor o escravismo e o capitalismo dependente possuem uma relação intrínseca. Suas obras destacam-se pelo grande rigor no método e crítica marxista. Deixa como legado uma vasta produção teórica sobre a formação social brasileira, comprometida com a superação do racismo.</p>
Jacob Gorender	<p>Foi um dos mais importantes historiadores marxistas brasileiros. Em 1941 entrou para a Faculdade de Direito de Salvador, época em que se filiou ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Interrompeu os estudos em 1943 quando, aos 20 anos, se alistou na Força Expedicionária Brasileira. Lutou na Europa em batalhas como a de Monte Castelo, na Itália. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, mudou-se para o Rio, onde trabalhou em jornais de esquerda e, em 1953, para São Paulo. Dois anos depois, seguiu para Moscou. Entre seus trabalhos se destacam “A burguesia brasileira”, de 1981, e “Combate nas trevas”, de 1987. Sua principal obra foi a tese “O escravismo colonial”, de 1978. Na obra, Gorender defende que a formação social escravista conheceu duas grandes formas de produção: o escravismo colonial, apoiado no trabalho coercitivo e na propriedade latifundiária, com fraca acumulação, e o modo de produção de pequenos cultivadores não escravistas, voltado para a subsistência e que vendia parte da produção. Refutando as ideias até então hegemônicas, o autor afirmava que no Brasil não havia existido feudalismo ou restos de feudalismo. Além disso, negava a existência de uma simples subordinação do escravismo ao capitalismo comercial global, pois compreendia que no Brasil havia sido estabelecido um modo de produção específico, anterior ao capitalismo, e que ensejava a acumulação originária que apoiou, mais tarde, a expansão capitalista. Gorender foi reconhecido com o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e passou a atuar como professor visitante no Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo (USP).</p>
Franz Fanon	<p>Nascido em 1925 em Martinica, Caribe. Considerado um dos pensadores mais interessantes do século XX, era filósofo, psiquiatra e cientista social. Em 1944 se alistou no exército francês e passou a residir na França. Em 1950 produziu como trabalho de conclusão de curso na Psiquiatria intitulado Peles Negras e Máscaras brancas. Contudo, sob a justificativa de não seguir as correntes teóricas hegemônicas da ciência europeia, o trabalho foi recusado pela banca. No texto Fanon apresentava uma perspectiva anticolonialista e apresentava as consequências da dominação colonial na perspectiva dos colonizados e colonizadores, explicitando a dinâmica do racismo que produz marcas psicológicas, econômicas e sociais. Em meio a Revolução Argelina e a repressão violenta francesa Fanon renunciou o seu cargo como Diretor do Departamento de Psiquiatria num hospital</p>



	<p>da Argélia e se junta a Frente de Libertação Nacional, tornando-se procurado pelo Governo Francês. Luta pela liberdade dos países colonizados africanos, materializando a práxis de suas produções. Em 1960 é diagnosticado com leucemia e escreve outra obra de destaque em sua carreira, o livro <i>os Condenados da Terra</i>. Com essa publicação inscreve sua importância na crítica sobre o colonialismo e capitalismo.</p>
Marcos T. Kaplan	<p>Cientista político argentino, autor de numerosas obras, muitas delas dedicadas ao estudo do papel do Estado, do seu caráter e suas funções. Integrou diferentes centros de pesquisa como a Fundação Bariloche, o Instituto Torcuato Di Tella, a Escola Latino-americana de Sociologia, a Universidade de Buenos Aires e o Instituto de Investigaciones Jurídicas de la UNAM (México)..</p>
Enrique Gomariz Moraga	<p>Nascido em Madri, estudou Sociologia na Universidad Complutense, no Chile e na Universidade de Leeds, na Inglaterra. Em sua tese de Doutorado estudou sobre o papel das forças militares na construção inicial do Estado Moderno Espanhol nos séculos XV e XVI. Em seu retorno a Madri publica textos em revistas internacionais especializadas, integra o Conselho Editorial da Zona Aberta e funda a revista Tempo de Paz. Nos anos 1980 se dedica a literatura, mas logo retorna para a América Latina e se vincula a Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO) onde se como professor e pesquisador por mais de vinte anos. Nesse período produz uma série de estudos no campo social com destaque para a obra <i>Políticas contra la pobreza en Centroamérica</i> (2007); <i>La devastación silenciosa. Jóvenes y violencia social en América Latina</i> (2011).</p>
Jaime Osório	<p>Intelectual chileno radicado no México. Até o golpe militar contra Salvador Allende, foi militante do MIR (Movimiento Izquierda Revolucionaria) e trabalhou no CESO (Centro de Estudios Socio-Económicos) da Universidad de Chile, juntamente com Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Theotonio dos Santos, Orlando Caputo, entre outros. Exilado no México, assim como centenas de intelectuais e militantes latino-americanos, incorporou-se à Universidad Autónoma Metropolitana (UAM) e ao Posgrado em Estudios Latinoamericanos da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), aprofundando os estudos sobre a Teoria Marxista da Dependência e sobre o Estado na América Latina. Entre seus livros, destacam-se: "Explotación redoblada y actualidad de la revolución", "Crítica a la economía vulgar: reproducción del capital y dependencia", e "El Estado en el centro de la mundialización: sociedad civil y el problema del poder", este último publicado no Brasil pela editora Outras Expressões.</p>

A pesquisa seguirá buscando deprender na obra dos autores pesquisados elementos que contribuam para a apreensão das similitudes e contradições estruturantes da nossa formação sócio histórica enquanto chave para compreensão da atual conformação do Estado no capitalismo dependente, bem como das contradições que determinam sua reprodução e incidem diretamente nas condições de sociabilidade da classe trabalhadora latino-americana.



REFERÊNCIAS

FEIJÓO, José Carlos Valenzuela. O estado neoliberal e o caso mexicano. In: LAUREL, Asa Cristina

(org.). Estado e políticas sociais na América Latina. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FERNANDES, Florestan. Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

FERNANDES, Florestan. Sociedade de classes e subdesenvolvimento. 5 ed. rev. São Paulo: Global, 2008.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da dependência: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini; organização e apresentação de Emir Sader. Petrópolis: Vozes; Buenos Aires: CLACSO, 2000.